

ISAY WEINFELD ETCÉTERA



O Instituto Tomie Ohtake tem o prazer de apresentar *Isay Weinfeld: Etcétera*, exposição dedicada a um arquiteto cuja atuação redefiniu parâmetros da arquitetura brasileira contemporânea. Reconhecido no Brasil e no exterior, Isay construiu uma trajetória marcada pela articulação entre arquitetura, cinema, artes visuais, literatura e design, compreendendo o projeto como prática cultural que ultrapassa fronteiras disciplinares.

Sua obra não se apoia na repetição de um estilo, mas em decisões precisas que orientam cada projeto. A arquitetura deixa de ser apenas composição formal e passa a constituir experiência concreta, organizando percursos, vazios, ritmos e proporções. Luz, matéria e escala estruturam a relação entre espaço e uso, estabelecendo ambientes definidos pela clareza construtiva e pelo controle rigoroso dos meios.

A mostra reúne maquetes, desenhos, filmes e documentos que permitem acompanhar diferentes etapas de elaboração das obras. As maquetes assumem papel central e ampliam a noção de modelo arquitetônico. Mais do que instrumentos de verificação técnica, apresentam sínteses espaciais que condensam edifícios inteiros

em dimensões reduzidas, tornando visíveis decisões estruturais, relações volumétricas e ajustes de proporção. Em alguns casos, revelam soluções diretas e inesperadas, nas quais a manipulação da escala evidencia como volumes complexos podem ser contidos e reorganizados com precisão.

Toda essa produção, atravessada por diferentes linguagens, é desenvolvida em estreita colaboração com o escritório que leva seu nome. O processo coletivo, baseado na discussão contínua das propostas e no exame rigoroso de cada decisão, amplia o repertório de soluções e garante consistência técnica e precisão construtiva aos projetos.

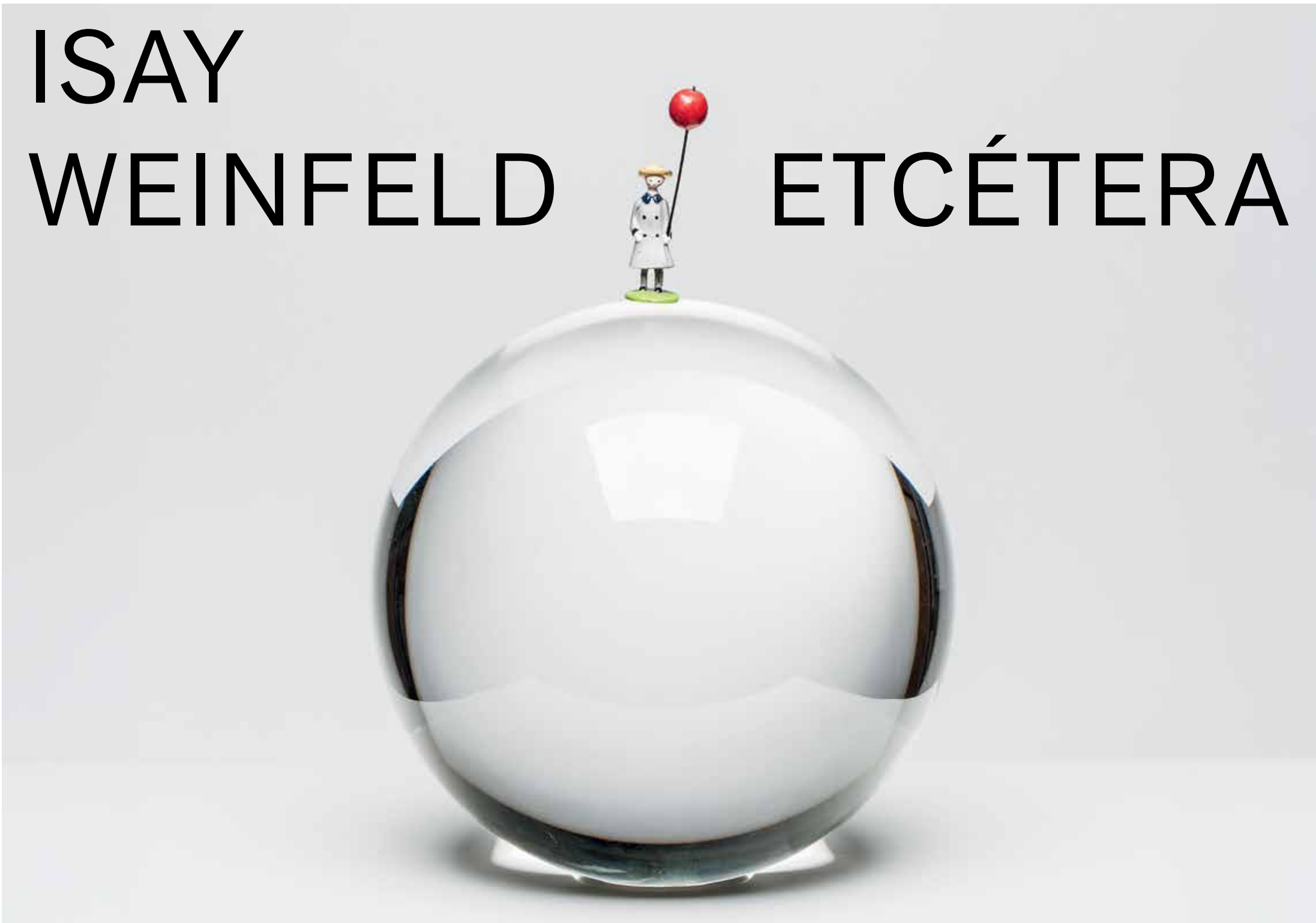
Ao reunir esse conjunto de trabalhos, *Etcétera* oferece ao público uma leitura abrangente dessa trajetória. A exposição integra o programa do Instituto Tomie Ohtake, instituição dedicada às artes visuais e aos seus cruzamentos com a educação, a arquitetura e o design, comprometida com pesquisa, formação e experimentação em diálogo com questões contemporâneas.

Esta mostra contou com a correalização do escritório Isay Weinfeld, a quem agradecemos a parceria decisiva na concepção

e no desenvolvimento do projeto. A exposição tem patrocínio do Bradesco e da JHSF, na cota Apresenta, e da MFC Construtora, na cota Prata. Conta ainda com o apoio das empresas Lumisystem, Liv Inc, Kopstein, Core, Hakwood, Bellas Artes, Roca, Casual Móveis, Dpot, Phenicia Concept, Companhia de Iluminação, Effect Lighting, ETEL e Stamp Painéis Arquitetônicos.

Agradecemos também aos parceiros, colecionadores e instituições que colaboraram com empréstimos e suporte, cuja contribuição foi fundamental para a realização da exposição.

Instituto Tomie Ohtake



Isay Weinfeld não é exatamente arquiteto, digamos que também é arquiteto. Sua obra, extensa, conhecida nacional e internacionalmente, tem débitos e espraia-se por outras disciplinas. A arquitetura, aliás, sequer ocupa o primeiro lugar de suas preferências. Antes dela, vêm o cinema e a música. As artes visuais talvez venham junto, a literatura, os objetos. Quais? Qualquer um. Desde que bem-acabado, surpreendente, bem-humorado, os critérios variam. Pode ser um desses tênis quase escultóricos tamanha a distância do feito funcional – leves, coloridos, prodígios tecnológicos capazes de aumentar a *performance* do usuário, desejado por atletas e sedentários – ou o beirute com salada do Frevinho (já comeu?). Dá gosto ouvir seu elogio à precisão de seus materiais, o verde da alface, o vermelho do tomate, o amarelo do queijo, o creme da maionese, a maneira como é montado, a massa rarefeita suavemente torrada na superfície e o formato circular do pão. Obra aberta a permitir várias entradas. Isay junta a noção de cultura às artes e à cultura material, o que quer dizer quase tudo que existe produzido pela humanidade. A arquitetura de Isay faz lembrar o tempo em que a formação multidisciplinar tinha prestígio e deslizava, irônica, quando alvo de certos comentários arremessados aos alunos: “as escolas de arquitetura formam de tudo, inclusive arquitetos”. Hoje, elas formam quase que só arquitetos. Pior para elas, pior para todos. Segundo o poeta Joseph Brodsky, o que diferencia as artes – entre as quais a arquitetura – da vida é *precisamente o fato de elas abominarem a repetição*. A arte pode ser uma arma de pe-queno alcance, mas essa lição ela oferece. As escolas de hoje valorizam sobretudo a transmissão repetitiva de rotinas e noções asseguradas, o que, sem dúvida, é importante. Limitar-se a isso, porém, é um convite à aridez. Qualquer prática se alimenta do erro, do desvio, do que não se sabe. A expansão só acontece mediante o tateio do escuro. E o futuro, não nos esqueçamos, é quase só escuridão. Coerente com sua postura quando aluno de arquitetura da Universidade Presbiteriana Mackenzie, que gastava seu tempo conversando, frequentando exposições e concertos, Isay olha para o lado, no geral, atrás de combinações extravagantes que ele descobre ou fabrica (para conhecê-las, visite seu Instagram). Como Marcel Duchamp, o artista francês que abriu às artes plásticas a possibilidade de se apropriar das coisas, Isay pratica o humor, a ironia como método. A ironia é a arte de dizer algo dizendo outra coisa. O que exige compreensão dos léxicos, repertório e drible em relação à convenção. Pessoas que se levam demasiado a sério estão fora desse jogo. Pessoas com afetações de seriedade, das que exalam arrogância, são sérias porque têm certezas. Achem inconcebíveis leituras divergentes da sua. Pois o maior mestre de Isay foi Jacques Tati (já o viu como protagonista

de seus filmes? Alto, desajeitado, inapto na lida com as casas e os prédios da arquitetura moderna?). A arquitetura moderna foi grande, Niemeyer, Lina Bo Bardi, Luis Barragán foram geniais, mas não são o final da linha. Desconfiar daquilo que recebemos é a primeira medida capaz de garantir nossa sanidade. Desconfiar de nós mesmos, para começar, e sobre isso as piadas judaicas têm muito a ensinar. Isay fez arquitetura sem saber desenhar e desafiou um dos princípios basilares da área, recurso tido como imprescindível para a produção do espaço. Aliás, a fixação de seu primeiro desenho logo à entrada da exposição, uma casinha desenhada quando era criança, à base de capricho e régua, ornamentada com o infalível conjunto de árvore, sol, cortina e chaminé, é a declaração aos jovens que outros caminhos, além dos previstos pelos currículos, podem levar a projeção e produção do espaço, do que são exemplos as obras de Mira Schendel e Hélio Oiticica, tão frequentadas por Isay. O início da trajetória de Isay deu-se no interior da arquitetura, não de fora dela. Aprendeu na prática os limites da célebre definição de Le Corbusier: “A arquitetura é o jogo sábio, correto e magnífico dos volumes sob o sol”. Uma visão externa da arquitetura que não inclui o espaço interno. Talvez essa interpretação seja um dos motivos pela desatenção, no Brasil, do planejamento de interiores, comumente desqualificado como decoração e, como tal, prossegue esse pensamento de extração fóbica, uma prerrogativa de outros gêneros que não o masculino. O primeiro e único estágio de Isay foi com o arquiteto e artista suíço Jacob Ruchti, homem refinado com quem começou a ver e aprender arquitetura de interiores. Em 1974, com o falecimento de Ruchti, Lélío Machado Reiner, então professor do Mackenzie, convidou Isay a associar-se e fundaram um escritório que permaneceria ativo até 1978. Posteriormente, fundou junto com o arquiteto mexicano Aurelio Martinez Flores a Interdesign Arquitetura, que reforçou o cuidado com interiores. Desse aprendizado chegou à seguinte conclusão: “se você não sabe interiores e não sabe a respeito dos movimentos de uma pessoa dentro de um ambiente, você não pode projetar um quarto”. Em seu escritório, Isay age mais como um maestro ou diretor de cinema, alguém que sabe perfeitamente o que quer e também sabe extrair o melhor dos outros. A relação com outras artes é muito comum entre arquitetos. Rem Koollaas foi diretor de cinema; Iannis Xenakis, músico e compositor; Constant, Zaha Hadid e Burle Marx pintavam. A experiência com cinema foi sendo adquirida com curtas-metragens realizados em Super 8, trabalho conjunto com Marcio Kogan que se estendeu a um longa-metragem, *Fogo e paixão* (1988), verdadeiro *cult-movie* – com trechos sendo exibidos nesta exposição –, e que prossegue

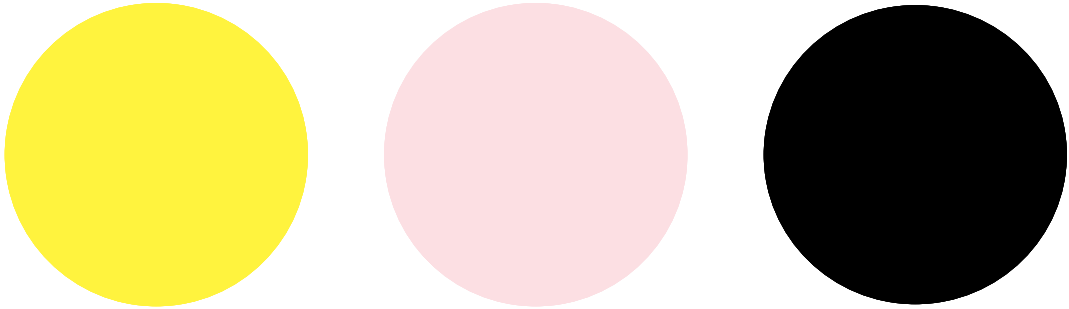
nos microcurtas-metragens com os quais documenta suas obras. Filmes dizem mais à arquitetura que a fotografia. A fixidez da imagem subtrai o movimento. Com duração entre um e dois minutos, os enquadramentos, movimentos de câmera, planos-sequência, iluminação, edição, trilhas sonoras cuidadosamente articuladas com as narrativas demonstram a fina compreensão da natureza diferenciada dos espaços e elementos arquitetônicos. O drama está latente em cada um deles e no encadeamento entre si. Os registros de corredores, escadas, salas, regiões de passagem, fronteiras entre área externa e interna, o tratamento de cores, texturas, mudanças de material etc. variam quanto à dinâmica narrativa; as opções de abordagem das edificações acontecem em função do que cada uma sugere. Além disso, não incorrem em leituras gerais, destacam trechos, situações pontuais, detalhes relevantes. A sala de jantar como o palco de um teatro doméstico; corredores e acessos facultando rituais cotidianos, despertando-os; maçanetas e respectivas portas como recursos para o desvelamento de novas cenas etc. Esses exercícios cinematográficos são exatos, aulas de percepção do espaço, e honram seus mestres, de Jacques Tati, já citado, a Federico Fellini, Ingmar Bergman e Stanley Kubrick. Isay comanda uma equipe composta por dezenas de arquitetos divididos na elaboração de projetos. Passa o dia circulando pelas mesas, inteirando-se de cada passo. Preocupado com a horizontalização do processo, uma ou duas vezes por semana, todos param para informar e trocar ideias sobre o que estão fazendo. Todos, inclusive estagiários, são convidados a opinar. De alguns, é claro, a participação é convocada. Como cada equipe junta personalidades distintas, as soluções saem igualmente distintas. Mais do que isso, quando alguém repete uma solução, sugere-se que procure outro caminho. As previsíveis diferenças não perdem de vista o rigor, a economia de meios, os ajustes que garantem a qualidade de cada trabalho. Com o propósito de fecundar o imaginário da equipe, Isay organiza cursos de toda ordem. Um deles foi sobre Machado de Assis; outro, sobre música e cinema; tempos atrás, estava procurando quem fosse capaz de dar uma introdução à astrologia. Com tudo isso, diluem-se a autoria, o elogio ao gesto forte ainda tão em voga pelo mundo da arquitetura, o que garante que a produção do escritório Isay Weinfeld não tenha um único rosto, aquilo que antigamente se chamava de estilo. A qualidade e a coerência traduzem-se em outros caminhos.

AGNALDO FARIAS
Curador



De cima para baixo, primeira imagem: Spa Fazenda Boa Vista, 2012. Segunda imagem: Casa Cubo, 2011. Fotos de Fernando Guerra. Na página ao lado: Solidão, 2018. Foto de Djan Chu.

MAPA DA EXPOSIÇÃO



A Sala de referências		C Segunda sala expositiva		D Sala de projeção 1	
B Primeira sala expositiva				D1 IW Filmes	
1 Incredulidade	21 Casa Caiada, Casa Atrium, Casa Ibiúna, Casa Tijucopava, Casa Yucatan e Casa Tamanás	1 São Paulo Fashion Week	20 Solidão	E Sala de projeção 2	
2 Edifício Santos Augusta	22 Tecidos Misci	2 Spa Fazenda Boa Vista	21 Edifício The Elisa	E1 Filme <i>Fogo e paixão</i>	
3 Teatro Santos Augusta	23 Casa Grécia	3 Via Expressa	22 Chanukiah	F Linha do tempo	
4 Série de puxadores	24 Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro	4 Edifício Minneapolis	23 Insaciabilidade		
5 Intransitivo, impessoal	25 Carro-Cor	5 Disco	24 Edifício Jardim		
6 Sede do Centro Equestre Fazenda Boa vista	26 A bola da vez	6 Edifício Amauri, Edifício Oito, Edifício GABRIEL ¹⁹²⁵ , Edifício Girassol, Edifício Varanda, Edifício La Petite Afrique e Edifício Serena	25 Tropicalia		
			26 Gentileza		
7 Restaurante Fasano Nova York	27 Hotel Fasano Fazenda Boa Vista	7 Indissociabilidade	27 Casa Water Mill		
8 Valium	28 Casa LA	8 Casa d'Água	28 Coleção Joias Raras		
9 Incompatibilidade	29 Clube Chocolate	9 Revestimento Folia	29 Poltrona		
10 Aparador	30 Bosch	10 Portobello Shop	30 Travessa Tim Maia		
11 Fruteira	31 Instituto Ling, sob lua por Aurora	11 Farmacinha	31 Livraria da Vila		
12 Bandeja	32 Olhar contido	12 Bar Numero	32 Incoercibilidade		
13 Totó	33 Escadas	13 Piu Piu	33 Mc Donald's		
14 Bolsa Fendi	34 Arame farpado	14 Colar, brinco e anel viário	34 Spa Fasano Las Piedras		
15 Havaianas	35 B Hotel	15 @isayweinfeld	35 Edifício Oka		
16 Biombo	36 A/Z	16 KWI	36 Faculdade de Arquitetura		
17 Pequenos crimes conjugais		17 Casa Piracicaba	37 Indisciplinabilidade		
18 Edifício Marquês de Itu		18 Edifício 360°	38 Fazenda Três Pedras		
19 Midrash Centro Cultural		19 Purpurina	39 Nota do autor		
20 Playlists					

Imagem abaixo: *Incredulidade*, 2024. Foto de Ding Musa.
Na página ao lado: *Colar, brinco e anel viário*, 1995.
Foto de Rômulo Fialdini.



1

CITAÇÕES ENVIESADAS

2

O HORIZONTE DE CRIAÇÃO

3

AUTORIA EM TOM MENOR

4

TEXTURAS

Contrariando o vetor da especialização, graças ao qual as pessoas são formadas para entender setores e temas cada vez mais limitados, Isay, coerente com a natureza multidisciplinar da arquitetura, curiosamente em baixa nas escolas atuais, possui referências que ultrapassam suas fronteiras. É claro que em sua prática convoca obliquamente arquitetos diversos: Paulo Mendes da Rocha e a fluidez dos espaços, as alusões à tradição de Lina Bo Bardi, cores e materiais em Barragán, a concisão de Mies Van der Rohe etc. Por outro lado, a fachada do B Hotel, de Brasília, faz pensar em um *Metaesquema* de Hélio Oiticica, e a do Midrash Centro Cultural, em um palimpsesto de letras sobrepostas, como certas motípias de Mira Schendel. Há pelo menos uma sala de jantar que evoca a de Luis Buñuel em *O fantasma da liberdade*; ao menos um corredor inspirado por uma música do Radiohead. Isay projeta de casas populares a hotéis de luxo e, também, joias, roupas, macarrões e cenografias de teatro. Sua arquitetura é um amálgama de sua desconcertante curiosidade.

A formação de Isay foi marcada por tensões com seus professores, que reagiram aos seus trabalhos fora da norma com notas baixas e ameaças. Isso nunca o intimidou, pelo contrário. A atitude subversiva estendia-se desde o modo como se vestia e se portava até a entrega alternativa ao que era solicitado. Freqüentador fiel, atento e infatigável das artes – música, cinema, artes plásticas –, aprendia mais fora do que dentro da escola. Aliás, quem não? A esquizofrenia que atravessa a nossa formação de cima a baixo esforça-se em eclipsar o tanto que se aprende fora da escola. A entrada no mundo profissional e a montagem do próprio escritório levaram Isay a fomentar o trabalho coletivo: todos dizem o que acham sobre tudo aquilo que está sendo feito. Afinal, cada ponto de vista é, ou deveria ser, único e, como tal, ser estimulado. É provável que ele tenha extraído essa lição de *Rashomon*, o filme do gênio japonês Akira Kurosawa, um tratado sobre o estilhaçamento do que chamamos realidade.

Estamos em 2026 e é perfeitamente possível caminhar pelas ruas de São Paulo identificando autorias e escolas de casas e edifícios. Antigamente, reconhecia-se a autoria: se um texto literário era de Guimarães Rosa, se a pintura era de Piet Mondrian ou de Iberê Camargo. Quando não era, tratava-se de uma derivação. Embora isso ainda aconteça, desde meados do século passado a grandiosidade do ego foi decrescendo, fomos sendo impiedosamente reduzidos a nossa insignificância. Podemos ser magníficos, mas, corrigindo os arroubos, minimamente magníficos. Como situar o cinema de Eduardo Coutinho, quase sem direção, roteiro, narrativa? E a prosa de Patrick Modiano, Annie Ernaux, Julianio Pessanha? A produção de Isay vai adiante, sem vestígios de nostalgia do tempo em que exalávamos grandeza. Não há promessa de unidade, apenas rigor e coerência diante de um mundo complexo. Há autoria, mas sem mão forte; autoria compartilhada, intercâmbio de ideias sem a prevalência de uma voz única – o que não o impede de produzir uma obra de excelência.



5

PASSAGENS

6

O HUMOR E O GOSTO PELO ABSURDO

7

CORREÇÃO

8

ARQUITETURA E SUTILEZA

Poucos profissionais pensam e exploram os fundamentos da arquitetura. Concentram-se no atendimento do programa, o que é importante, mas muito pouco. As paredes, segundo Osman Lins, impedem que nos dissolvamos na vastidão da terra. E o significado da porta, da janela, do pilar, da escada etc.? Isay projeta de tudo, até mesmo maçanetas, que não têm nada de simples. Um dos temas de sua preferência são as entradas de suas casas e de seus edifícios, tenham eles corredores ou não. Ah, os corredores que levam de um ponto a outro, do quarto à sala. Quem já não sentiu receio ao atravessar um longo corredor (culpa de *O iluminado*, de Kubrick?). Essas passagens, ao mesmo tempo que demarcam espaços, estabelecem ritos, consagram os ambientes, verbos transitivos que necessitam de complemento para fazer sentido. Outra paixão são as escadas, o glorioso elemento que permite a ascensão e o descenso; em algumas, percebemos um indistigável orgulho, como a escada vermelha da Forum; outras, tomadas pelo impulso alado, alheias à gravidade, sequer tocam o chão.

Nesta exposição, arte e arquitetura se embaralham. Em alguns momentos se separam, para que se possa entender os processos. Na primeira sala, tem-se um conjunto disparatado, quase absurdo de objetos encontrados em antiquários, lojinhas *tudo por 1,99*, na rua, lembranças de viagens, sabe-se lá onde. Estão pendurados num longo painel de madeira perfurada, como aqueles encontrados em oficinas com as ferramentas de trabalho. Visitando a exposição, de volta a essa sala, você entenderá que é exatamente isso o que são: ferramentas. Com elas, Isay demonstra que nada é banal. Banal talvez seja o nosso olhar, desatento. Olhe com atenção para cada um deles e aspectos curiosos, inadvertidos, brotarão. Melhor ainda quando são objetos compostos pelo encontro de outros dois ou três. O humor, o absurdo e o afeto andam de mãos dadas por todos os nossos ambientes – quem não guarda consigo uma besteirinha da infância? Um álbum de figurinhas, uma xícara da vovó – da cozinha às ruas da cidade. Emaranhá-los, afirma Isay, torna a vida mais suportável.

As reuniões de trabalho, as análises dos partidos projetuais adotados, os materiais escolhidos, as especificações de toda ordem, o respaldo das argumentações, tudo é presidido pela ideia de correção levada ao ponto do requinte. Isay recusa soluções gratuitas, incoerentes, mais ainda as mirabolantes, falsas e acessórias, movidas exclusivamente pela vontade de chamar a atenção sobre si. O interesse pela especulação não inclui formalismos vazios. Esta exposição foi concebida como exemplo da ideia de ajuste. Com a preocupação de vencer a monotonia das exposições clássicas de arquitetura, um festival de plantas, cortes e maquetes, no geral incompreensíveis para o público leigo, variaram-se as formas de representação, privilegiaram-se maquetes que se vão sucedendo pelas paredes recortadas, um encadementamento de esquinas com surpresas a cada passo. Maquetes são representações mais tangíveis do que desenhos esquemáticos. Ao variar seus tamanhos, a exposição ensaja diferentes coreografias ao corpo do visitante.

Num tempo em que as metrópoles são excessivamente iluminadas, os sons artificiais encobrem os naturais e os prédios converteram-se em torres espelhadas, separadas por muros e grades, signos crespos da agressividade, as obras de Isay insistem em não se impor aos usuários, escutam-nos para se entrelaçarem aos seus desejos. É comum suas casas terem entradas discretas e misteriosas, convites a ingressar em segredos. Seus prédios, paulatinamente, vêm se deixando interpenetrar pelas ruas e, em consequência, vão sendo utilizados por quem passa por elas. São espaços de paragens para os vizinhos, para o entregador de aplicativo, para os que levam seus filhos a passear. Desde a primeira encomenda recebida, na qual se impôs ao cliente, Isay percebeu que não se projeta para si, mas para o outro. A partir daí, assumiu como pressuposto a aprendizagem com o outro, o que supõe conversar e escutar seus desejos e aspirações. O arquiteto profissional é aquele que dá forma aos sonhos nebulosos de quem o procura.

de graça todo dia

institutotomieohtake.org.br

INSTITUTO TOMIE OHTAKE

JORNAL

Coordenação
Instituto Tomie Ohtake

Projeto Gráfico
GB65 | Giovanni Bianco Studio 65

Textos
Ana Roman
Agnaldo Farias

Revisão
Divina Prado
Isabela Maia
Rachel Murta

Impressão
Ipsis Gráfica e Editora

ISBN
978-65-89342-72-4

EXPOSIÇÃO
ISAY WEINFELD - ETCÉTERA

Realização
Instituto Tomie Ohtake
Isay Weinfeld Arquitetura e Urbanismo

Curadoria
Agnaldo Farias

Curadora Assistente
Fernanda Fernandes

Coordenação Geral
Isay Weinfeld Arquitetura e Urbanismo
Mariana Nakiri
Sayuri Yoshimura

Assistente de Coordenação
Paulo Paiva

Produção e Coordenação de Montagem
Ana Laura e Silva
André Luiz Bella
Carolina Pasinato
Maria Fernanda Rosalem
Rodolfo Borbel Pitarello
Tamara da Silva Pereira
Victor Ferraz

Projeto Expográfico
Isay Weinfeld Arquitetura e Urbanismo
Nilton Suenaga
Enzo Tos

Design Gráfico
GB65 | Giovanni Bianco Studio 65

Revisão
Divina Prado
Isabela Maia
Rachel Murta

Tradução
John Norman

Maquetes
Practica Maquetes

Maquete Piu Piu
Marcio Kogan
Icaro Hueza

Maquete Fim
Kenji Maquetes

Maquete Bosch
Trucco Atelie
Acrilcenter

Carro-cor
Marcelo Acacio de Oliveira
Practica Maquetes

Maquete Instituto Ling
Practica Maquetes
Aurora Weinfeld Charro (lua)
Sayuri Yoshimura (jardim)

Protótipo Mobiliário Mc Donald's
GTI Solutions

Montagem
Manuseio Montagem e Produção Cultural

Museologia
Ângela Freitas

Marcenaria
Buriti Brasil Cenografia

Ilustrações
Barbara Brucker / silhueta criança
Danilo Zamboni / panorama Vila Madalena

Pintura
WCA Pintura e Decorações

Restauro das Obras em Papel
Scaglianti e Luchiari Conservação e Restauração
de Obras de Arte

Ourivesaria
Thiago Picone

Tecidos Poltrona
BF Tecidos e Papéis

Manequins
3D Bureau
Practica Maquetes
Danilo Zamboni (busto em papel machê)

Iluminação
Fernanda Carvalho Lighting Design
Emilia Ramos
Felipe Dans
Luana Alves
Âmbar Locação e Serviços de Iluminação
Marcos Franja

Licenciamento
Novais Vernalha Advocacia

AGRADECIMENTOS

A todos os clientes e colaboradores ao longo desses cinquenta anos de trabalho.

A todos aqueles que, de alguma maneira, contribuíram para a realização da exposição – patrocinadores, apoiadores, arquitetos, consultores, curadores, designers, educadores, eletricitas, estagiários, fornecedores, fotógrafos, maquetistas, marceneiros, pintores, produtores, restauradores, serralheiros, técnicos de áudio, iluminação e segurança, transportadores.

A toda a equipe do Instituto Tomie Ohtake.

O Instituto Tomie Ohtake realizou todos os esforços para encontrar os detentores dos direitos autorais incidentes sobre as imagens/obras aqui reproduzidas. Caso identifique algum registro de sua autoria, solicitamos o contato pelo e-mail instituto@institutotomieohtake.org.br.

APRESENTA

JHSF

bradesco

COTA PRATA

IMEC
CONSTRUTORA

APOIO

LUMISYSTEM
especialistas em iluminação

LIV INC KOPSTEIN

ICORE
INNOVATION IN WORD

HAKWOOD

Bellas
Artes

Roca

CASUAL

dpot
moderno em vidro

PHENICIA
CONCEPT
DESIGN

CIA
companhia
de iluminação

effect
LIGHTING

ETEL

STAMP
CONCRETE ARCHITECTURES

REALIZAÇÃO

25 INSTITUTO TOMIE OHTAKE

ISAY WEINFELD